

A FILOLOGIA DIGITAL EM DISCUSSÃO: O CASO DA EDIÇÃO DO ROMANCEIRO DE ALMEIDA GARRETT*

Sandra Boto¹

| 17

Um projeto filológico; um projeto digital

Encontra-se em preparação, desde 2013, a edição crítico-genética digital integral do *Romanceiro* de Almeida Garrett. Trata-se de um projeto que pretende reproduzir os 99 poemas e os respetivos paratextos que compõem atualmente o *corpus* romancístico do poeta, após a recente integração dos materiais manuscritos oriundos da Coleção Futscher Pereira, descoberta em 2004.

O estudo prévio do *corpus* revelou-se vital para o desenvolvimento do projeto, na medida em que enuncia os problemas com os quais se enfrentará o editor, já que explicita as idiosincrasias do *Romanceiro* garrettiano, uma obra que tem vindo a interessar sobretudo os estudiosos da literatura tradicional mas cujo alcance extrapola, acreditamos, esse domínio de pesquisa (Boto, 2011: 578-614 e Apêndice 2). Através deste estudo pretende-se, por um lado, abordar as estratégias ecdóticas adotadas e, por outro, discutir o mapeamento da edição digital do *Romanceiro*.

De um modo particular, procura-se ainda insistir na articulação entre as características antes enunciadas e as soluções tecnológicas de que se mune a edição, que é entendida justamente no quadro teórico da Filologia Digital, de acordo com os postulados teórico-metodológicos de Buzzetti, 2009: 45-61 ou com o de Jerome McGann para quem, de forma sugestiva, a filologia é a ciência da “archival memory” (McGann, 2014: 41).

De facto, a utilização de metodologias de trabalho e de ferramentas digitais como aquelas que se aplicam na edição do *Romanceiro* de Garrett permite situar este trabalho no âmbito da *Digital Scholarship*, segundo ambicionamos comprovar. Importa, contudo, advertir, antes de nos adentrarmos em comentários relativos ao processo editorial da obra, que o recurso ao digital não é aqui entendido enquanto mera estratégia de comunicação vinculada à sua materialidade e aos dispositivos de difusão que a suportam, mas antes como um objeto de estudo em si.

* Palavras-chave: Almeida Garrett; Romanceiro; edição crítico-genética; filologia digital; Romantismo.

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito da Bolsa de Pós-Doutoramento concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência SFRH/BPD/84108/2012, financiada por fundos nacionais do MCTES. Manifesto aqui o meu agradecimento ao Juan Manuel Escribano Loza, que tem dado apoio informático a este projeto através do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação (UID/MULTI/04019/2016 - Fundo Reestruturação).

Aliás, nunca foi este o intuito que esteve subjacente ao desenvolvimento de um produto digital, mas antes – e de um modo primordial - um compromisso com o estudo das possíveis formas de representação e de remediação do texto (neste caso o garrettiano), cujas soluções o digital permite investigar.

18 | Subscrevendo, portanto, as palavras certas de Buzzetti, 2009: 46, “In my opinion, the true rationale of a genuine digital edition consists precisely in taking advantage of the digital form of representation to improve our critical engagement with the text through effective computational processing.” Os modos de representação textual convocados pelas mais recentes tecnologias digitais constituem, por assim dizer, vantagens que o editor não deverá descurar, na medida em que eventualmente lhe permitirão solucionar (ou pelo menos reequacionar) problemas de ordem crítica e representacional do texto.

Contando, à data, com um historial não despiendo de projetos bem sucedidos no âmbito da *Digital Scholarship* à escala internacional², as edições críticas eletrónicas têm conhecido, em Portugal e para a literatura portuguesa, um paupérrimo interesse por parte dos investigadores, cuja justificação não cabe aqui especular. Excetuam-se algumas iniciativas editoriais pioneiras para o *corpus* literário português, encabeçadas, no momento em que escrevemos estas linhas, pelo recentemente disponibilizado *Arquivo LdoD*³, da responsabilidade de Manuel Portela, edição que catapulta o *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa para uma dimensão virtual que tira partido da sua natureza fragmentária fundacional.

Na realidade, a teorização envolvente bem como a que decorre deste trabalho editorial interessa-nos - devidamente adaptada, como não podia deixar de ser, ao objeto editorial em mãos e condicionada que está pelas características essenciais do *Romanceiro* garrettiano enquanto obra e pelos objetivos definidos para a edição - pela questionação em torno da *textualidade digital* que promove:

Na medida em que permite apresentar em configurações variáveis um conjunto vasto de textos, a textualidade digital permite integrar edição crítica e edição documental de um modo que transcende a tradicional representação bibliográfica da relação entre texto e aparato crítico, proporcionando aos leitores e estudiosos acesso reticular ou hierarquizado a múltiplas formas genéticas e sociais dos fragmentos do LdoD. (Portela, 2013: 25)

Estaremos todos de acordo com o postulado de que uma edição crítica consiste na afirmação de uma determinada conceção de textualidade, composta linearmente por um texto estabelecido e por uma determinada bateria de aparatos sequencialmente dispostos na página.

² Confira-se esta afirmação a partir da consulta à base de dados do *Catalogue Digital Editions*, em <https://dig-ed-cat.eos.arz.oeaw.ac.at/> [consulta a 5 de janeiro de 2018], a qual permitirá aferir da vitalidade dos projetos editoriais desta índole sobretudo no mundo anglo-saxónico.

³ Última consulta realizada a 5 de janeiro de 2018.

A representação crítica de um determinado texto – e reitero o termo *sequencialmente* – funde-se e confunde-se, pois, com a tecnologia do livro impresso. E, na verdade, não seria possível representar estes acessórios complementares da textualidade de outra forma. A um texto seguir-se-á, na orientação que for, seja na margem, seja em rodapé, seja em final de capítulo ou de obra, os dispositivos que enformam a leitura que o editor propõe desse determinado texto, defendendo-a. Naturalmente, nada obsta a que a edição crítica se converta, por procedimentos de digitalização, num produto digitalizado. No entanto, esta nunca se transformará num produto digital. “*A digitised edition is not a digital edition.*” (Sahle, 2016: 27), importa desde logo advertir⁴.

Valha, pois, como exemplo, o caso concreto de uma edição crítico-genética como a do *Romanceiro* de Almeida Garrett que temos em curso para publicação impressa na coleção “Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett”, na qual a relação entre a *dispositio* dos poemas fixados e os aparatos crítico, genético, de anotações, etc., gerados pelo editor, obedecem, por seu turno, a uma *dispositio* rígida na página, sendo esta profundamente limitada pelo meio através do qual estes conteúdos se representam: o livro impresso. Aquilo que a edição crítica digital propõe é justamente romper com este aprisionamento do conteúdo editorial a uma forma rígida e sequencial⁵.

Se atentarmos na natureza peculiar do género poético que tratamos, o romanceiro, definido, sumariamente, como o *corpus* de poemas narrativos de transmissão oral que remonta à época tardo-medieval, à qual se soma a particularidade de Garrett intervir enquanto poeta sobre estes mesmos textos, aproximar-nos-emos das

⁴ Valerá a pena, a este propósito, aprofundar a perspectiva de Patrick Sahle, patente no estudo “What is a Scholarly Digital Edition?”, onde o autor vai desfazendo enigmas e mistificações básicas e, ao mesmo tempo, definindo a edição crítica digital, de entre outros argumentos apresentados, a partir daquilo que ela não é ou não pode ser. Sustenta, efetivamente, que:

“As long as the contents and functionalities of a typographic born and typographically envisioned edition do not really change with the conversion to digital data, we should not call these derivative editions ‘digital’. It is the conceptual framework that makes the thing – not the method of storage of information either on paper or as bits and manner by stating that:

A digital edition cannot be given in print without significant loss of content and functionality.

Of course, the content of digital editions can – in theory – be printed out. And, of course, the text of digital editions could still be read on paper. However, a main characteristic of a digital edition is its representation of a potentially large number of documents in a potentially limitless number of different views, such as facsimile, diplomatic transcription and reading versions. All are generated from the same electronic code according to certain, sometimes even user controlled, modulations. The same holds true for functionality: there is no simple search, no advanced search, no real interactivity, no control over behaviour and appearance, and no source code download in printed editions. There are fewer browsing paths, no real hyperlinks, and no integrated technical tools. That is why digitisation may change the accessibility of a printed edition and may add at least some basic functionalities such as searching – but digitisation does not make a printed edition a digital edition. There is still the difference in the general framework of the whole task.” (Sahle, 2016: 27-28).

⁵ À luz do exposto adquirem pleno sentido, agora, as afirmações de Manuel Portela aqui invocadas antes.

noções de instabilidade e de mutabilidade textuais, numa franca tensão entre variação e invariante⁶, entre discurso poético tradicional e discurso poético autoral.

20 | Pelo exposto, e em função da natureza intrínseca do romancero tradicional, editar este género implica logo à partida realizar uma transposição entre modos, cada qual com o seu suporte: da oralidade, reproduzida a partir do suporte memória, caracterizada pela variação e pela imateriabilidade, para a escrita (seja em suporte impresso, digitalizado ou em ambiente digital), transformando o poema oral no “texto-documento” ao qual se refere a filóloga Ana Valenciano (Valenciano, 1994: 62). Portanto, o editor de romances aspirará tão só a uma aproximação ao *original* memorizado. Não mais do que isto.

Destacar este fenómeno da remediação do romancero de transmissão oral como aproximação através da edição obriga-nos, pois, a atentar nas coincidências que é possível estabelecer com o paradigma digital, resultantes da partilha da mesma natureza instável e da liquidez inerentes à materialidade ou, melhor dito, à imaterialidade que o digital também perilha. Cabe aferir, assim, se, uma vez levantadas estas coincidências, o paradigma editorial digital não deveria considerar-se uma opção viável para a edição do romancero (de transmissão oral mas não só), devido à irradiação de um certo dinamismo comum entre a poesia tradicional e as possibilidades fornecidas pelo digital para a concretização de uma outra textualidade, menos estática e multimodal. Pela nossa parte, temos em estudo essa hipótese que, para já, parece confirmar-se.

Fontes documentais; problemas editoriais

Acresce a este aspeto a complexa riqueza das fontes documentais garrettianas, as quais justificam um tratamento editorial que permita representar não só a sua individualidade documental como, em simultâneo, os problemas ecdóticos que convergem em cada um dos textos, decorrentes da sua singularidade compositiva tanto quanto da natureza do *Romancero* enquanto obra.

Certo é que o hibridismo do *corpus* textual a estabelecer influencia de forma ineludível a determinação do modelo concetual (editorial e tecnológico) a adotar, nomeadamente no que respeita à natureza díspar das fontes romancísticas garrettianas. Como resultado do trabalho ecdótico já desenvolvido, e após a incorporação dos dados obtidos a partir do estudo dos manuscritos conservados na Coleção Futscher Pereira, foi possível atualizar algumas cifras relativas ao *corpus* romancístico de Garrett. Contabilizamos agora 54 temas de fonte tradicional (poemas que ostentam evidências de que Garrett recorreu pelo menos a uma versão de um romance da tradição oral portuguesa no seu processo compositivo). No en-

⁶ Abundante é a bibliografia que tem vindo a estudar o fenómeno da variação / invariação no contexto da poética do romancero tradicional. Lembro, em particular, os exemplares contributos teóricos de Braulio do Nascimento, Diego Catalán, Ana Valenciano ou Pere Ferré a este respeito.

tanto, outros 45 temas não apresentam relações conhecidas com a tradição oral da baladística peninsular e ostentam uma diversidade de fontes de extremo interesse: cancioneiros e romances castelhanos antigos, folhetos de cordel, fontes históricas e poéticas portuguesas de origem conhecida, entre outras.

Efetivamente, tanto os resultados obtidos a partir da *recensio*, que estabeleceram por sua vez as *fontes criticae*, como o posterior estudo do processo compositivo de cada um dos romances elaborados por Almeida Garrett, tarefa à qual me tenho vindo a dedicar, revelaram uma obra com algumas características peculiares que aqui poderemos simplificar do seguinte modo: *a)* necessariamente inacabada; *b)* materialmente dispersa e *c)* composta por poemas narrativos em estádios de elaboração radicalmente distintos e que mantêm relações bastante heterogéneas com as suas fontes, que vão desde a mera tradução criativa de romances de autoria alheia, passando pela recriação romântica da própria inventiva do Visconde, e ainda por versões de romances consideravelmente próximas da conjetural tradição oral do século XIX⁷.

⁷ A *recensio* do *corpus* a fixar integra poemas narrativos éditos e inéditos. Ou seja, a par dos editados que contam com testemunhos redatoriais impressos e/ou manuscritos, cabe incluir ainda um *corpus* interessante de documentos que nunca chegaram a conhecer os prelos.

Relativamente às coleções impressas que integramos na edição, referimos as seguintes:

•1828:

Adozinda. Romance, Londres: Em Casa de Boosey & Son; e de V. Salva.

•1843:

Romanceiro e Cancioneiro Geral, I, Lisboa: Typ. Da Soc. Propagadora dos Conhecim. Uteis.

•1851:

Romanceiro, II y III, Lisboa: Na Imprensa Nacional.

•1853:

Romanceiro, I. Romances da Rensacença, 3ª edição, Lisboa: Em Casa da Viuva Bertrand e Filhos

Somam-se ainda textos teóricos e versões de romances publicadas na imprensa periódica da época ou em opúsculos e fragmentos de romances a par de versões completas inseridas em obras de teatro ou em prosa da autoria de Almeida Garrett.

No que se refere às coleções manuscritas recenseadas, apontamos os seguintes núcleos documentais, com documentos na sua esmagadora maioria autógrafos:

• *Colecção Futscher Pereira*. Manuscritos autógrafos de Almeida Garrett dedicados ao romanceiro. Materiais publicados e inéditos, 1839?-1854?. [atualmente depositada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra].

• *Espólio Literário de Almeida Garrett*. Documentos 59 a 63 [depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra].

• “Cancioneiro de Romances, xacaras, Solãos / e outros vestígios / Da Antiga poesia nacional / Pela maior parte conservados na tradição / oral dos povos, / E agora primeiramente colligidos / Por / J. B. de Almeida Garrett” [caderno manuscrito autógrafo depositado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com a cota UCFL-1-2-1-24].

Tamanha heterogeneidade obedece, não obstante, a um propósito comum de legitimação e imposição da dita *poesia popular* portuguesa no quadro ibérico, que Almeida Garrett procurou elevar ao mais alto nível, como mais uma das múltiplas faces do seu programa estético romântico-nacionalista, afinal. Lembramos que o poeta iniciou a sua coleção de romances tradicionais portugueses em 1823 ou 1824, a qual vai registando no “Cancioneiro de romances, xácaras, soláos...” a partir do exílio em Inglaterra, como deixou provado Marques (1988-1992): 71-82.

Registe-se ainda que a obra nunca foi cabalmente valorizada pela crítica apesar da absoluta originalidade do trabalho do erudito romântico neste campo: o *Romanceiro* garrettiano ora tem vindo a ser duramente criticado pelos filólogos pela falta de fidelidade das suas versões de romances à tradição oral, ora negligenciado por considerar-se uma obra menor, com base no argumento de que o poeta partilha com a tradição oral a autoria dos poemas⁸.

Somando então às características do *corpus* garrettiano os objetivos ambiciosos da própria edição que agora se concretiza e que a seguir comentaremos, observamos como o digital se impôs, ao nosso olhar, como a melhor (talvez a única) forma viável de *representar* editorialmente esta obra (embora assumindo os riscos dessa inequívoca instabilidade intrinsecamente associada à sua própria materialidade).

Problemas editoriais; metodologias filológicas; soluções tecnológicas

Tendo como base concetual a noção de “archival memory” proposta por McGann, o ponto de partida desta investigação editorial consistiu na determinação de que forma o recurso ao digital permite criar um *arquivo* do *Romanceiro* de Almeida Garrett que:

- a) apresentasse ao leitor comum um texto rigorosamente estabelecido que represente a última vontade do autor sobre a obra e sobre os textos;

E que, em concomitância,

- b) proporcionasse diversas profundidades de leitura de acordo com os interesses do leitor. Perspetiva-se, por exemplo, reconstruir os diversos testemunhos textuais bem como as fontes garrettianas por aproximação à poesia tradicional, no caso dos poemas de fonte tradicional. Por outro lado,

⁸ Foram estes os resultados principais da investigação prévia de doutoramento na qual se apresentou uma proposta de edição crítica do *Romanceiro* de Garrett (Universidade Nova de Lisboa, 2012) e que está efetivamente na base da presente edição. Veja-se Boto, 2011. Do ponto de vista documental, destaca-se, neste âmbito, os manuscritos da Coleção Futscher Pereira (a coleção toma o nome dos anteriores proprietários que encontraram os documentos em 2004 na sua casa particular ao Bairro Alto) que foram através deste trabalho de investigação profundamente estudados e integrados na proposta editorial então gizada.

a par deste trabalho em torno da conceção de texto (seja ele autoral garrettiano seja ele um arquétipo tradicional), desloca-se também o foco para o documento propriamente dito através da disponibilização de facsímiles, por exemplo.

À função textual junta-se, então, na edição em discussão, a função documental, ou seja, a disponibilização das imagens dos documentos que estão na sua origem e que o paradigma digital permite introduzir. Para ir um pouco mais longe, avançaríamos que a edição crítico-genética digital do *Romanceiro* de Almeida Garrett, propondo, é certo, a fixação de um texto a partir da visão do editor, não exclui por isso a *editio varietur*, possibilitando não só a confirmação das leituras do editor a partir das fontes originais como autoriza novas leituras, não se fechando sobre si própria.

Analisemos, cuidadosamente, os objetivos enunciados:

a) Este desiderato não deveria, *a priori*, levantar questões de ordem ecdótica já que, num primeiro plano, a edição crítico-genética do *Romanceiro* de Almeida Garrett não pretende mais do que respeitar o princípio convencional de qualquer edição crítica, isto é, representar o melhor possível a última vontade de um autor acerca de um texto. Não obstante o pacifismo congregador com que se encara este princípio norteador, cabe assinalar a necessidade de recurso a uma metodologia ecdótica talvez menos consensual como seja a reconstrução *ope ingenii*. Sobretudo, o desafio colocado à edição do *Romanceiro* não se resume à reconstrução *ope ingenii* dos textos garrettianos (poemas, introduções em prosa, etc.) que compõem a obra mas à instabilidade do próprio conceito de obra em si, que foi sendo profundamente alterado pelo autor no decorrer do tempo.

Neste contexto, adquire especial relevância o último plano editorial de Garrett conhecido para o *Romanceiro*, plasmado na “Introdução” ao II tomo do *Romanceiro*, em 1851 (Garrett, 1851: XLV), que é assim apresentado:

Livro I. Romances da renascença, imitações, reconstruções e estudos meus sobre o antigo

Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não têm referência à história, ou não a têm conhecida

Livro III. Lendas e profecias

Livro IV. Romances históricos compostos sobre factos ou mitos da história portuguesa e de outras.

Livro V. Romances vários, compreendendo todos os que não são épicos ou narrativos

Resta aduzir – o que não é de somenos importância para o caso – que, deste plano editorial proposto pelo autor, só os dois primeiros livros saíram efetivamente dos prelos. Em última instância, reconhecemos que, até à descoberta da Coleção

Futscher Pereira, se desconheciam documentos que provassem *de facto* a preparação dos restantes Livros do *Romanceiro*. Se não tivesse sido dado a conhecer este núcleo documental contendo uma boa fatia de poemas inéditos de existência insuspeitada, ao editor do *Romanceiro* garrettiano teria cabido uma tarefa facilitada: a de se limitar à edição dos dois primeiros Livros, assinalando, para os manuscritos identificados, correspondentes a fases anteriores do processo redatorial, os respetivos aparatos genéticos.

Contudo, esta conceção editorial simplificadora e, sobretudo, menos arriscada, já não é mais possível. Neste momento, o estudo prévio dos materiais manuscritos garrettianos não deixa margem para dúvidas em relação à preparação efetiva de uma obra mais ambiciosa, que só terá sido deixada inacabada devido a causas bem naturais. Refiro-me à rápida degradação do estado de saúde de Garrett e à consequente morte do autor, prematuramente, aos 55 anos.

Por este motivo, assume-se sem dificuldade que é o conceito de obra que está, antes de mais, em causa, nesta edição, pois confere-se ao editor um protagonismo e uma responsabilidade desconfortáveis num processo ecdótico que se debruçará, assim, sobre questões de ordem textual e às quais se soma, em primeiro lugar, a necessidade de tecer a espinhosa proposta de uma *dispositio* para o *Romanceiro*. O termo *criação* aplicado à reconstrução dos cinco Livros apresenta-se, com efeito, como o mais apropriado, sabendo que três deles não chegaram a ter existência física, na medida em que os manuscritos contendo romances que não foram publicados nos dois Livros conhecidos não se encontram sequer num estádio de organização que autorize o discernimento de uma lógica de agrupamento dos textos em função de um conceito de obra.

Ainda assim, em defesa da possibilidade de reconstruir a obra por conjetura, aponte-se a nítida relação que se produz entre o assunto tratado nos poemas narrativos, muitos dos quais albergam inclusive uma inscrição autógrafa com a temática abordada no texto e o século de composição (definidos de acordo com parâmetros epocais e autorais, bem entendido) e o critério temático apresentado por Garrett neste plano editorial tornado público em 1851. No limite, mesmo para os dois Livros publicados em vida de Garrett, ou seja, o Livro I, concernente aos “Romances da renascença, imitações, reconstruções e estudos meus sobre o antigo” e o Livro II, “Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não têm referência à história, ou não a têm conhecida” se pode preconizar uma intervenção editorial traduzida na agregação de mais alguns poemas para além daqueles que, por via da publicação impressa, pertencem ao cânone dos Livros em causa.

No sentido de fundamentar esta opção, partir-se-á do princípio de que o processo de angariação / preparação do *Romanceiro* por Garrett se propagou no tempo até data próxima da sua morte. E cremos tratar-se, com efeito, de um pressuposto que sem dificuldade se comprova a partir da análise física dos suportes de escrita e de outros elementos autógrafos patentes nos materiais patentes na

Coleção Futscher Pereira, os quais contribuem para confirmar a tese de que, para além dos poemas estampados nos dois primeiros Livros, outros com enquadramento temático e / ou espírito compositivo idênticos teriam acolhimento nos mesmos volumes. Veja-se, aliás, como forma de legitimar esta tese, a reedição do Livro I, pela mão de Garrett, em 1853, a qual o poeta amplia através da incorporação de mais duas baladas de invenção própria que se encontravam ausentes da *princeps* de 1843.

Assim, Garrett não estagnou o seu trabalho compositivo e angariador de romances enquadráveis nos volumes publicados, mas prolongou-o com segurança até 1853, pelo menos⁹. Deste modo, completar os Livros I e II com *novos* temas poéticos ou preencher os restantes Livros *ope ingenii* assentam fundamento em aspetos particulares do espólio garrettiano, de diversa natureza, que a edição crítica (digital ou não) não pode, em qualquer circunstância, descurar (Fig. 1).

b) Para responder a este ponto, assume-se o conceito já longínquo mas sempre eficaz formulado por Pedro Sánchez-Prieto Borja (2003), que nos situa no quadro da “lectura asistida”¹⁰.

Propõe-se, pois, fornecer ao leitor / utilizador a possibilidade de escolha entre diversos níveis de leitura do texto, entidade aqui vista como objeto transponível para a dimensão hipermediática (pensando, por exemplo, na disponibilização de conteúdos multimédia como sejam performances audiovisuais de determinados poemas ou na integração de imagens dos documentos originais).

O mesmo será reconhecer que a edição do *Romanceiro* de Almeida Garrett é dirigida, necessariamente, a diferentes tipologias de leitor em convergência com a noção de que diferentes leitores apresentam níveis de exigência ou interesses distintos e, sobretudo, personalizados, relativos a uma mesma obra. Ancora-se na oferta de textos bem estabelecidos, partindo do pressuposto de que estes não têm de ser exclusivos das edições críticas hiperespecializadas, cujo público-alvo

⁹ Cf. Boto, 2011: 85-86 e 160-168.

¹⁰ Pedro Sánchez-Prieto Borja apresenta a questão da seguinte forma: “Se podrá argumentar que el distanciamiento entre los textos medievales y el lector obliga a una ‘lectura asistida’ mediante la anotación, mientras que esta anotación se presenta menos necesaria, o sólo ocasionalmente necesaria, em textos contemporáneos. Sin embargo, esta diferencia se difumina, siquiera en algunos casos, en un nivel de lectura más profunda, en la que es menos nítida la frontera entre ‘lectura’ y ‘filología’. Y aquí nos las habemos otra vez con la clase de lector. El filólogo hace una suerte de ‘metalectura’, pues no se conforma con que le presenten *un* texto, sino que ha de saber cómo ha llegado el editor a proponerle el texto que tiene ante sus ojos.” (Sánchez-Prieto Borja, 2003: 114). E complementa a seguir: “No puede sostenerse que la información sobre la historia del texto (y en particular sobre su génesis) sea ajena, marginal o simplemente complementaria en el acceso al texto”. Por isso, “Esa ‘lectura asistida’ que propongo [sistematiza o autor] mitiga, insisto otra vez, la frontera entre edición para filólogos y para meros ‘gustadores’ de la literatura, en el buen sentido de que los filólogos son sólo una clase especial de los segundos.”; pois, “Los conocimientos sobre la historia del texto no deberían formar parte de un saber ‘ultraespecializado’ solo apto para unos pocos expertos en crítica textual.” (Sánchez-Prieto Borja, 2003: 114-115) Estas últimas ideias sintetizam, pois, o espírito que rege a edição crítico-genética digital do *Romanceiro*.

não vai, por tradição, muito além do acadêmico, tendo em conta as dificuldades de consulta impostas pela condição material do suporte, a qual já aqui comentámos antes, e pelo código comunicativo específico utilizado pela Crítica Textual, reconhecidamente pouco amigável. Mas, para além disso, pensa esta edição quebrar com outra tradição de igual peso, que consiste na raridade com que questões de ecdótica impregnam as edições (de grande divulgação, quase sempre) acessíveis na Internet.

Deste modo, intervimos nos textos editados *online* sem abdicar jamais do rigor filológico com que interviríamos numa edição estampada em papel, mediante a correção crítica de gralhas e erros. Não prescindimos, também, de oferecer ao leitor (ao interessado, segundo já se manifestou) os processos genéticos dos objetos literários; propomos notas explicativas filológicas e hermenêuticas e, por fim, fornecemos pistas para a reconstituição das primitivas fontes romancísticas orais de Garrett, segundo o modelo avançado por Ferré, 2011: 285-291, o qual foi posteriormente revisto e desenvolvido em Ferré, 2015: 223-249.

O mapeamento da edição

Apontávamos, atrás, a evidente coincidência entre a imaterialidade do romanceiro de tradição oral e a própria aparência dinâmica da textualidade digital, que se define por uma inequívoca ausência de linearidade e por uma natureza multimodal. Neste contexto, parece apropriado chamar ainda a atenção para o carácter radial da textualidade digital, cunhada como “textualidade radial” por Jerome McGann (*apud* Portela, 2013: 10), e aferir de que forma ela é aproveitada no nosso projeto em particular.

A estes traços característicos de base atribui-se, portanto, a responsabilidade por uma certa entrada em falência da estabilidade, não já apenas textual, mas também referente à obra, na medida em que a obra literária enquanto objeto previsível e concreto como o conhecemos pode sem dificuldade questionar-se através da utilização de tecnologias associadas ao digital. Se se atentar uma vez mais na proposta do *Livro do Desassossego* pessoano, decorrente do projeto liderado por Manuel Portela, esta instabilidade estatui-se verdadeiramente como pedra de toque da edição. Facilitada pela dimensão difusa e assumidamente fragmentária da própria obra literária, a instabilidade é assumida pelos editores, sendo mesmo amplamente potenciada através do recurso ao digital, pois o conceito arquivístico que subjaz à edição digital promove a recriação do objeto, permitindo, sem perda de sentido – ou, mais adequado seria, incentivando a construção de novos sentidos - a leitura fragmentária do *Livro do Desassossego*. Refiro-me à designada “dimensão virtual” à qual se refere Portela, 2013: 12.

No caso concreto da edição digital do *Romanceiro*, obra inconclusa que aqui se projeta reconstruir, segundo já se comentou, não se escamoteia igualmente o

estatuto precário do conceito de obra, decorrente do facto de o autor não ter chegado a cumprir o plano que deixou traçado e no qual nos apoiamos. É neste ponto específico que se evidencia a sua instabilidade, já que só em função de um processo de recriação editorial se projeta a edificação dos Livros, atitude arrojada na tentativa de um editor se substituir ao autor na edificação de uma *dispositio* filologicamente informada.

| 27

Contudo, se é também a noção de *Romanceiro* enquanto obra aquilo que se tenta reproduzir aqui, cabendo ao editor a tarefa de cimentar a estrutura parcialmente vazia que Garrett nos deixou, não se descarta a possibilidade de uma leitura fragmentária e reorganizada pelo leitor, justamente como reconhecimento da virtualidade na qual assenta.

Por outra parte, parece consensual que o conceito de *arquivo* na sua associação aos desígnios da Filologia Digital surge hoje significativamente ampliado e potenciado (ver Portela e Silva, 2015: 33). Mais do que isso, é dele que nos socorremos na conceção do *Romanceiro*. Mas não deixaremos, em sentido inverso, de enunciar os limites impostos às potencialidades da textualidade radial na presente edição. Se temos vindo a convocar aqui a comparação com a edição digital do *Livro do Desassossego*, não se pode deixar de colocar em evidência o carácter moderado da nossa proposta, o qual sobressai desde logo a partir da observação do mapeamento da edição do *Romanceiro* (Fig. 2). Embora operemos de forma idêntica a partir do *arquivo* (em constelação radial, portanto), sobressai, na edição em curso, uma característica propositadamente conservadora: o produto ecdótico apresenta-se aqui como centro estrutural, facto que impede o desmoronamento do texto em mãos do leitor, pese embora não atue sobre a fragilidade e a liquidez da obra, como já explicámos.

A partir deste mapa elaborado numa fase de arranque do projeto, a constelação em que se organizam os recursos a fornecer dá corpo tanto às relações hierárquicas como também às horizontais que visamos estabelecer entre as distintas valências desta edição digital. O seu centro gravitacional consiste na fixação crítica de cada romance garrettiano (édito ou inédito, é indiferente). Esta, por seu turno, integra um plano superior correspondente a cada um dos Livros projetados pelo autor, segundo comentei antes, embora esta estrutura superior à qual nos referimos não estivesse ainda patente no mapeamento primitivo que foi arquetizado.

Conforme se pode verificar, não se trata, pois, de um modelo linear de edição, pois servimo-nos, em primeiro plano, das propriedades básicas da edição digital que já a mera noção de hipertexto convocara há umas boas décadas atrás. Desenvolvemos, assim, uma estrutura editorial que, como se observa, pretende oferecer uma série de recursos de consulta opcional (fac-similes, aparatos, conteúdos audiovisuais), que são ativados ou não em função do critério de exigência do leitor, regressando ao enquadramento da “lectura assistida”. Não obstante, importa reiterar a decisão, tomada em consciência nesta edição, de que a edição como arquivo não impelirá, contudo, ao descentramento do texto crítico; bem pelo

contrário, este fator será devidamente salientado a partir da estrutura prevista, já que o produto ecdótico mantém o estatuto central neste projeto. Apesar de se pretender fornecer ao leitor a possibilidade de interagir com a edição – estudamos a criação de campos para registo de notas de leitura interativas, o que a tecnologia *Wordpress*®¹¹ utilizada parece permitir resolver de forma simples – nunca o enriquecimento direto dos textos pelo leitor está permitido.

Deste modo, o papel do editor ganha com efeito preponderância, ao mesmo tempo que se salvaguarda a tantas vezes aludida estabilidade textual, a qual, lembramos, todos os dias é posta em causa num momento como o atual, em que a noção de texto digital questiona justamente os princípios básicos norteadores do sistema comunicativo literário e dos seus atores. Eis, portanto, a dimensão propositadamente conservadora desta edição.

Em suma, todos os recursos pensados no mapa, alguns deles apenas ainda em potência, abonarão em favor da tal leitura assistida e, digamos assim, ampliada; em todo o caso sempre personalizada. Trata-se, na sua essência, de um arquivo à disposição do leitor interessado pelos mais variados motivos no *Romanceiro* de Garrett.

A componente ecdótica em articulação com a tecnologia digital

Clarifiquemos, então, os procedimentos envolvidos na concretização da estrutura editorial planificada. Na prática, debruçamo-nos sobre as metodologias que conduzem à implementação do mapeamento discutido, situadas no cruzamento entre os mais convencionais processos da Crítica Textual e as ferramentas digitais postas ao serviço da otimização desses processos.

Por um lado, temos a componente puramente ecdótica, que se observa nas diferentes fases do processo editorial adaptado às especificidades da obra, do autor, do contexto de produção e dos objetivos da edição:

- o estabelecimento das *fontes criticae*, que foi levado a cabo ainda durante a minha investigação de doutoramento (apenas com alguns ajustes pontuais recentes);
- a *collatio codicum*, operação que se encontra em curso no momento em que redigimos esta memória e que se leva a cabo de forma semiautomática, com recurso à ferramenta CollateX®¹². Em teoria, esta ferramenta permite poupar o editor à morosidade da tarefa manual de colação, ainda que, no caso específico da edição do *Romanceiro*, seja necessário contar com a transcrição manual prévia de todos os manuscritos envolvidos antes de os

¹¹ <https://pt.wordpress.org/>

¹² <https://collatex.net/> [última consulta realizada a 23/01/2018]. CollateX® é um software desenvolvido em linguagem Python com vista à automatização da *collatio* que oferece, após algumas operações de programação, diferentes tipologias de *output*, designadamente tabelas de variantes; diagramas; aparatos codificados em TEI-XML, etc.

automatizar, ou, alternativa pela qual temos vindo a optar em virtude da complexidade envolvida na realização dos aparatos genéticos, que são profusamente descritivos, efetuar a colação com os testemunhos manuscritos de forma manual.

Após a análise das variantes proveniente da *collatio* procede-se à *examinatio* e à *selectio*, ou seja, ao apuramento do texto-base correspondente à última vontade do editor Garrett. Trata-se de um passo em curso, bastante relevante no caso dos poemas garrettianos que permaneceram inéditos. A este segue-se a *dispositio textus*, acompanhada da *emendatio*, momento em que o texto-base se encontra apurado. Estas preveem, em consonância com as normas editoriais estabelecidas em função dos objetivos perseguidos com a edição - que, recordo, pretende abranger públicos com níveis de interesse heterogéneos - a atualização ortográfica, exceto nos casos em que reconhecemos estar perante um marco estilístico do autor e a manutenção da pontuação do testemunho-base, sempre que esta se revelar suficiente para manter a sua legibilidade.

Os poemas e respetivos paratextos submetem-se, por sua vez, a um procedimento que, atualmente, surge como a solução tecnológica mais pacífica e comum no âmbito dos projetos de edição digital em todo o mundo: a codificação com recurso ao *Text Encoding Initiative*®¹³. Cabe explicar ainda que a elaboração do *apparatus criticus* e também do aparato genético, aparatos que surgem combinados na edição do *Romanceiro*, é realizada também com recurso ao mesmo TEI®, como seria de esperar, pela especial capacidade que esta tecnologia apresenta para tratar de forma adequada estes elementos fundamentais do trabalho editorial, convertendo-os em conteúdo reconhecido do ponto de vista semântico para publicação na web.

Presentemente, está em processo de definição a árvore estrutural que regerá a codificação de cada poema, de cada paratexto em prosa da autoria de Almeida Garrett e de cada aparato crítico, passo prévio à escolha dos módulos TEI® a utilizar nesta tarefa, atividade que nos próximos meses estaremos em condições de apresentar e discutir convenientemente.

Importa, por fim, mencionar que o *arquivo* que compõe a edição do *Romanceiro* de Almeida Garrett abarca uma última fase ecdótica, a qual, não integrando o processo típico de preparação de uma edição crítica constante da bibliografia especializada, tem sido já utilizado com sucesso em diferentes ocasiões no âmbito da edição de romances da tradição oral. Refiro-me em concreto ao modelo pro-

¹³ Em síntese, trata-se de uma linguagem de programação de base XML especialmente formulada para a edição digital de textos literários que apresenta módulos com etiquetas aptas para a codificação de diferentes tipos de textos e que possui a capacidade de responder aos mais díspares objetivos editoriais, entre os quais destaco a possibilidade de representação de aparatos críticos, particularmente útil no caso de edições críticas como esta. Ver <http://www.tei-c.org/index.xml> [última consulta realizada a 23/01/2018].

posto por Ferré, 2011 e Ferré, 2015 atrás referido, que foi esboçado com o objetivo de recuperar com critérios de fiabilidade um *arquétipo* textual oral para as versões de romances *manipuladas* pelos editores (método sobremaneira eficaz quando está em causa a confirmação das lições textuais fixadas pelos editores de romances do período Romântico).

30 | Embora a referência a esta tarefa concreta não admita um aprofundamento maior, neste lugar, para além de indicar que o método de Ferré consiste no confronto entre os poemas divulgados pelos editores do século XIX (neste caso particular, Almeida Garrett) com as versões de romances da tradição oral moderna, certo é que no nosso caso contribui para a determinação do processo criativo do poeta sobre os textos de tradição oral, ao mesmo tempo que permite a reconstrução cautelosa das mesmas fontes orais (sempre que aplicável, pois cabe não esquecer que uma percentagem considerável dos romances garrettianos não conhece qualquer vínculo à tradição).¹⁴

Hands on

Para terminar, resta-me comentar, numa lógica de complementaridade em relação ao processo ecdótico atrás mencionado, as tarefas de âmbito estritamente tecnológico que visam articular a metodologia convencional da Crítica Textual com os preceitos específicos da Filologia Digital em curso na edição do *Romanceiro*.

Conforme mostrei, o mapeamento conceptual da edição encontra-se planificado desde uma fase preliminar do projeto, sendo que é em função dele que as restantes fases do processo são pensadas.

Do ponto de vista tecnológico, encontra-se também concluída a definição da arquitetura do sistema bem como a implementação da área de trabalho, em concreto o *back office* da edição, que foi desenvolvido com recurso à conhecida ferramenta *Wordpress*®, através de operações de programação manual. Por seu turno, avançaram de forma significativa os trabalhos de *web design* e de implementação do *site Garrettonline* (Fig. 3), também concebido em *Wordpress*®, com previsão de disponibilização para breve. Este recurso dará conta de todos os desenvolvimentos do projeto e, futuramente, será o portal de acesso à própria edição em acesso aberto.

¹⁴ O método, aplicado à obra romancística de Garrett, conheceu anteriormente um ensaio na tese de doutoramento por mim defendida em 2012, com resultados interessantes mormente no caso da versão garrettiana do romance tradicional D. Gaifeiros. Encontra-se disponível em Boto, 2011: 311-390. O confronto do texto garrettiano com as versões recolhidas na tradição oral moderna portuguesa e ainda com outros textos que Garrett afirma ter consultado para a criação da sua versão atestou, neste caso particular, que o editor romântico manejou um texto cuja existência real sempre suscitou grandes dúvidas entre os filólogos: a misteriosa versão do Cavaleiro de Oliveira, de paradeiro desconhecido e que se julgou não passar de efabulação garrettiana. (Consultar, acerca deste assunto, Cintra, 1967: 105-135).

Não se descarta a importância da aplicação, no projeto, de *standards* universais, imprescindíveis para garantir a sobrevivência da edição no contexto da Web semântica, problema que tem ocupado uma parte da nossa investigação de âmbito propriamente tecnológico. Ao nível do tratamento textual, prossegue-se, tal como se aflorou antes, com as tarefas iniciais requeridas pela futura codificação em XML-TEI[©] dos textos e dos aparatos, que serão inseridos na estrutura *Wordpress*[©] através de um *plug in* específico que integra folhas de estilo. Por outro lado, incluímos uma área no *back office* com vista à introdução de metadados específicos em *Dublincore* para cada documento componente do arquivo (seja imagem, recurso audiovisual, etc).

Como determinações presentes e futuras, aponta-se a prossecução do trabalho de investigação com vista à aplicação das melhores soluções tecnológicas à edição crítico-genética do *Romanceiro* garrettiano. O foco consistirá em acautelar a realização plena dos desideratos ecdóticos aqui apresentados e, por isso mesmo, acredito ter podido demonstrar, com estas linhas, a localização indiscutível desta edição no espaço da *Digital Scholarship* e, em particular, no da Filologia Digital.

Bibliografia

- BOTO, Sandra (2011). *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett: uma proposta de 'edição crítica'*. Tese de doutoramento no Ramo de Línguas, Literaturas e Culturas, Especialidade de Estudos Literários, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BOTO, Sandra (2013). "Nuevas perspectivas para un viejo problema: la edición crítica del romanceiro de fuente tradicional". *Dicenda. Cuadernos de Filología Hispánica*, Norteamérica, 30, feb. 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_DICE.2012.v30.41362. Url: <http://revistas.ucm.es/index.php/DICE/article/view/41362> [último acesso a 18 de janeiro de 2018].
- BUZZETTI, Dino (2009). "Digital editions and text processing" in Marilyn Deegan and Kathryn Sutherland (eds.). *Text Editing, Print and the Digital World*. Farnham: Ashgate, pp. 45-61.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1967). "Notas à margem do Romanceiro de A. Garrett". *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. VIII. 1967, pp. 105-135.
- FERRÉ, Pere (2011). "Crítica textual e Romanceiro. Breves notas" in Isabel Morujão e Zulmira Santos (coord.). *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva*. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" / Edições Afrontamento, pp. 285-291.
- FERRÉ, Pere, Pedro M. Piñero y Ana Valenciano (2015). *Miscelánea de estudios sobre el romanceiro*. Sevilla / Faro: Editorial Universidad de Sevilla / CIAC (Universidade do Algarve), pp. 223-249.
- GARRETT, J. B. de A. (1851). *Romanceiro*. II. Lisboa: Na Imprensa Nacional.
- LAVAGNINO, John (1997). "Excerpted: Reading, Scholarship, and Hypertext Editions". *Journal of Electronic Publishing*. Volume 3, Issue 1. September 1997. DOI: <http://dx.doi.org/10.3998/3336451.0003.112> [última consulta a 24/01/2018].

- MARQUES, José Joaquim Dias (1988-1992). “Nota sobre o início da recolha do Romancero da Tradição Oral Moderna”. *Boletim de Filologia*. XXXII, pp. 71-82.
- MCGANN, Jerome (2014). *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- MORRÁS, María (1999). “Informática y crítica textual: realidades y deseos” in José Manuel Blecua, Gloria Clavería, Carlos Sánchez y Joan Torruella (eds.). *Filología e informática. Nuevas tecnologías en los estudios filológicos*. Bellaterra: Seminario de Filología e Informática / Departamento de Filología Española / Unievrnsidad Autónoma de Barcelona, pp. 189-210.
- PORTELA, Manuel (2013). “ ‘Nenhum problema tem solução’: um Arquivo Digital do Livro do Desassossego”. *MATLIT 1.1*, pp.9-33.
- PORTELA, Manuel e António Rito Silva (2015). “A dinâmica entre arquivo e edição no ‘Arquivo LdoD’”. *Colóquio Letras*. 188. Janeiro/Abril 2015, pp. 33-47.
- SAHLE, Patrick (2016). “What is a Scholarly Digital Edition?” in Matthew James Driscoll, and Elena Pierazzo (eds.). *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, UK: Open Book Publishers, pp. 19-39. DOI: <http://dx.doi.org/10.11647/OBP.0095.02>
- SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, Pedro (2003). “Nuevas posibilidades y nuevas exigencias de la crítica textual”. *Letras de Deusto*. vol. 33, nº 100. Julio-Septiembre 2003, pp. 109-126.
- VALENCIANO, Ana (1994). “Edición crítica de textos de base oral: el romancero” in Salvador Rebés (a cura de). *Actes del Col.loqui sobre cançó tradicional*. Reus, setembre 1990. Publicacions de l’Abadia de Montserrat, pp. 299-307.



Fig. 3: Recorte com o aspeto provisório do site que acolhe a edição (*Home page*).